

Vinci Partners tem nova conselheira e presidente para comitê de ESG

"Boards" incluem comitês estruturados para tratar de práticas ambientais, sociais e de governança

Por Stela Campos

13/08/2021 18h02 · Atualizado há 2 dias





Sonia Favaretto assumirá presidência do novo comitê ESG da Vinci Partners — Foto: Divulgação

Na semana em que a Securities and Exchange Commission (SEC), o órgão que equivale à CVM nos Estados Unidos, aprovou uma proposta que obriga as empresas listadas na Nasdaq a ampliarem a diversidade em seus conselhos de administração, algumas companhias já começam a se mobilizar. Foi o caso da brasileira Vinci Partners que opera na bolsa norte-americana. Ela anunciou hoje que Sonia Consiglio Favaretto passa a fazer parte do seu conselho e assumirá a presidência do novo comitê ESG, que vai zelar pelas melhores práticas ambientais, sociais e de governança na companhia.

- **Conselheiros se unem por mais representatividade**

“Vemos cada vez mais empresas montando comitês para tratar de temas ESG, é um avanço importante”, diz Favaretto, que atua há 15 anos na área de sustentabilidade e hoje preside o conselho consultivo da Global Reporting Initiative (GRI) no Brasil. Alessandro Horta, Chief Executive Officer da Vinci Partners, diz que a nomeação de Favaretto é um “marco histórico”, na medida em que a empresa busca melhorar o seu impacto monitorando KPIs e aumentando o foco em ESG como investimento.

Favaretto foi diretora da B3, presidiu o conselho deliberativo do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e a Rede Brasil do Pacto Global da ONU, além de ter atuado como executiva de sustentabilidade, comunicação e recursos humanos em instituições financeiras como BankBoston e Itaú. Atualmente, integra o comitê de sustentabilidade da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) e o comitê executivo de sustentabilidade da BRF. Também é **colunista do Valor Investe**, o site de investimentos do **Valor**.

Ela defende que o fato de a agenda ESG ter ganhado espaço no mundo corporativo começa a se refletir nos conselhos. Alguns, por exemplo, já atuam de forma mais

estruturada com comitês de sustentabilidade. Para ela, os fatores relacionados às melhores práticas ambientais, sociais e de governança deveriam ser observados por todos os comitês, por todas as áreas da empresa, de forma transversal. Mas ela reconhece que este tema ainda requer entendimento, portanto, ainda é necessário ter uma estrutura dedicada exclusivamente a ele.

- **"Conselheiro LGBTQIA+ também precisa ser buscado"**

Pensando em um futuro aumento na demanda por executivos preparados para atuar em comitês de sustentabilidade, o IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa), em parceria com o GRI, vai lançar no fim de setembro um curso de formação específico para conselheiros e executivos seniores que vão integrar ou liderar comitês de ESG. "Pensamos que quem vai participar de um comitê como esse precisa entender mais a fundo a questão", explica Adriane de Almeida, diretora de desenvolvimento do IBGC. Ela conta que o instituto já havia lançado um curso sobre ESG voltado para o C-level no ano passado, que contou com 170 participantes. Este ano, lançou outro programa, destinado ao nível executivo chamado "ESG na Prática", que teve 118 alunos. "O novo curso vai ser um passo além para quem precisa de fato se aprofundar."

- **ESG exige novas competências da alta liderança**

A medida aprovada pela SEC em prol de maior diversidade nos conselhos das empresas listadas na Nasdaq, prevê que as empresas tenham dois diretores diversos, incluindo um que se identifique como mulher e outro pertencente a um grupo socialmente minorizado, como LGBTI+ ou negros. As empresas também devem divulgar publicamente a diversidade de seus conselhos e aquelas que não atingirem o critério vão ter que explicar o motivo. Para as estrangeiras, incluindo as brasileiras, as regras são um pouco mais flexíveis. Elas vão poder, por exemplo, preencher as duas vagas com mulheres. As empresas vão ter de dois a cinco anos para cumprir as medidas.